

AS FÍBULAS DE MIRÓBRIGA

Salete da PONTE

Neste trabalho publicamos 19 peças provenientes de Miróbriga e que se encontram no museu Municipal de Santiago do Cacém (n.ºs 1-10, 13-17,19) (1) e Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (n.ºs 11-12, 18) (2).

Os n.ºs 1-3 são fibulas anulares hispânicas do tipo 4b de Cuadrado (3), que se caracteriza fundamentalmente pelo formato e dimensão do arco, do pé, do aro e do tipo de mola; o arco é em forma de uma naveta invertida e torna-se na maioria dos casos mais volumoso e dilatado a meio (n.º 1) do que nos extremos; o pé é curto e forte; o aro é de espessura variável (n.º 1); a mola consta ou de um enrolamento do fio metálico à volta da cabeça do arco (n.º 1), ou de uma charneira em bisagra (4); esta última surge nos finais do séc. V ou nos inícios do IV a. C. (5).

Deste modo, situamos o n.º 1 ainda na 2.ª metade do séc. V a. C., ou seja, no momento em que esta modalidade entra em concorrência com o tipo 4a, tão frequente na Península, nomeadamente na Meseta (6).

(1) cf. Cruz e Silva, **Apontamentos e considerações sobre as pesquisas arqueológicas realizadas desde 1922 nos concelhos de S. Tiago-de-Cacém, Sines e Odemira**, «Arquivo de Beja», vol. II, Beja, 1945, p. 291-299 (=Cruz e Silva, **S. Tiago de Cacém**), p. 294.

(2) Este trabalho está no seguimento de outros já publicados ou apresentados recentemente em congressos e que têm como principal objectivo proceder á elaboração de um catálogo das fibulas existentes nos vários museus do país.

(3) cf. Emeterio Cuadrado, **La fibula anular hispánica y sus problemas**, Salamanca, 1957 (=Cuadrado, **Problemas**), p. 16.

(4) cf. Salete da Ponte, **Fibulas de Alcácer do Sal**, comunicação apresentada no IV Congresso Nacional de Arqueologia, Faro, 1980 (=Ponte, **Alcácer do Sal**), fig.12.

(5) cf. Cuadrado, **Problemas**, p.52, fig. 42; cf. José Luis Argente Oliver, **Las fibulas de la necrópolis celtibérica de Aguilar de Anguita**, «Trabajos de Prehistoria», Madrid, 1974, vol. 31, p. 143-210 (=Oliver, **Aguilar de Anguita**), p. 194.

(6) cf. Cuadrado, **Problemas**, p. 33.

O n.º 4 corresponde ao tipo 4c de Cuadrado (7), que apresenta um arco idêntico ao dos anteriores, mas de perfil trapesoidal; este separa-se dos restantes elementos, ou seja da mola (8) ou da charneira como no nosso exemplar. Conhecemos em Vaiamonte um modelo paralelo (9).

Esta modalidade é largamente representada no Sudeste peninsular nos sécs. IV-III a. C. (10), conforme nos atestam os materiais de datação segura das necrópoles de El Cigarralejo, de Aguilar de Anguita e do túmulo n.º 11 de Galera (11).

O n.º 5 integra-se no vasto grupo de fíbulas de La Tene I. Caracteriza-se por um arco em forma de naveta invertida e por um pequeno apêndice caudal; o pé e descanso são bastante curtos.

Esta forma não deverá situar-se antes do séc. IV a. C., porque é a partir deste momento que o arco se separa dos restantes elementos; o tamanho reduzido do apêndice caudal denuncia a relativa antiguidade deste modelo.

O n.º 6 pertence ao período de La Tene III, ou seja ao grupo de fíbulas de tipo pseudo La Tene II (12); este apresenta o arco, a mola e o apêndice caudal feitos de um só arame. O arco é alongado e, em regra, de secção circular; a mola é bilateral, de corda interior ou exterior ao arco e consta de 4 voltas; o apêndice caudal prende-se ao dorso do arco por meio de uma braçadeira; o pé e descanso são bastante longos.

Esta modalidade, que ocorre com abundância nos mais diversos locais romanos entre a 2.ª metade do séc. I a. C. e os inícios do II d. C. (13), é bastante notada em Vaiamonte (14).

Os n.ºs 7-8 pertencem ao grupo de fíbulas de arco filiforme e de mola bilateral tão correntes no período de La Tene III; a mola bilateral é de corda exterior ao arco e consta de 4 voltas.

(7) id. *ibidem.*, p. 16.

(8) cf. Oliver, *Aguilar de Anguita*, p. 195, fig. 12; cf. Ponte, *Alcácer do Sal*, n.º 13.

(9) cf. Salete da Ponte, *As Fabulas de Vaiamonte*, comunicação apresentada no 3.º Colóquio Internacional de Línguas e Culturas Paleo-Hispánicas, Lisboa, 1980 (=Ponte, *Vaiamonte*), n.º 7.

(10) cf. Cuadrado, *Problemas*, p. 33; cf. Oliver, *Aguilar de Anguita*, p. 195.

(11) cf. Cuadrado, *Problemas*, p. 33-34; cf. Oliver, *Aguilar de Anguita*, p. 195-196.

(12) cf. Michel Feugère, *Les fibules gallo-romaines du Musée Denon à Châlon-sur-Saône*, (*Memoirs de la Société d'Histoire et d'Archéologie de Châlon-sur-Saône*), Vol. XLVIII, 1977, p. 77-158 (=Feugère, *Musée Denon*), p. 100-101.

(13) cf. Feugère, *Musée Denon*, p. 101; cf. Elisabeth Ettliger, *Die Römischen Fibeln in der Schweiz*, Bern, 1973 (=Ettliger, *Fibeln in der Schweiz*), p. 39-40; cf. Günter Ulbert, *Die Römische Donau-Kastelle Aislingen und Burghöfe*, Berlin, 1959 (=Ulbert, *Aislingen und Burghöfe*), p. 63-64; cf. Adília e Jorge Alarcão, *Castelo da Lousa (Mourão)*, «Boletim da Junta Distrital de Évora», 6, Évora, 1967, (=A. e J. Alarcão, *Castelo da Lousa*), p. 10-11.

(14) cf. Ponte, *Vaiamonte*, n.º 46-52.

O n.º 7 preserva ainda o eixo que é bastante volumoso. Para o n.º 8, conhecemos alguns paralelos aproximados em Camulodunum (15), Saalburg e Zugmantel (16), em que os primeiros datam do período claudiano e os segundos dos fins do séc. I d. C.; em Conimbriga há alguns exemplares que foram recolhidos com material flaviano e do início do II d. C. em níveis correspondentes à construção das termas tra-jânicas (17).

O n.º 9 corresponde ao grupo de fíbulas de tipo Nauheim, ou seja, ao tipo B de Camulodunum (18); este apresenta um arco de feição triangular, cujo ombral é arqueado; a mola é bilateral, de corda interior ao arco e consta de 4 voltas; o pé é direito e ao lateralizar-se forma um descanso quadrangular e vasado a meio.

Esta modalidade é frequente em todos os locais romanos, nomeadamente, em Camulodunum (19), Hod Hill (20), Fishbourne (21) e Verulamium (22); nas duas primeiras estações os autores datam-na do período Claudio-Nero; nas últimas, colocam-na entre 75-145 d. C. (23). Referiremos ainda que este tipo surge com relativa abundância em Vaiamonte, não havendo, porém, hipótese de o integrar aí num contexto de datação segura.

Os n.ºs 10-13 enquadram-se no grupo de «fíbulas de charneira e arco triangular», ou seja, no tipo 28 de Ettlínger (24).

O n.º 10 distingue-se dos restantes exemplares (n.ºs 11-13), porque o perfil do arco — alteado no ombral, pé direito, descanso quadrangular e inteiriço — sugere uma das modalidades de tipo Nauheim-tipo C de Camulodunum (25). Para este exemplar

(15) cf. Werner Kramer, *Camulodunumforschungen* 1953 — I, Kallmunz, 1957 (=Kramer, *Camulodunumforschungen* I), p. 63 e 76, Est. 13, 6-7.

(16) cf. A. Böhme, *Die Fibeln der Kastelle Saalburg und Zugmantel*, «Saalburg-Jahrbuch», XXIX 1972, p. 5-112 (=Böhme, *Saalburg und Zugmantel*), p. 13-14, est. 3-4.

(17) cf. Salette da Ponte, *Les Fibules, Fouilles de Conimbriga*, vol. VII, Paris, 1979, p. 109-126 (=Ponte, *Fouilles de Conimbriga*, VII), p. 116-117, Est. XXVI, 34-40.

(18) cf. Hawkes e Hull, *Camulodunum. First on the Excavations at Colchester 1930-1939*, Oxónia, 1947 (=Camulodunum), p. 312.

(19) id. ibidem., p. 312, Est. 92, n.ºs 56-58.

(20) cf. J. W. Brailsford, *Hod Hill I. Antiquities from Hod Hill in the Durden Collection*, Londres, 1962 (=Brailsford, *Hod Hill I*), p. 7, C18-C26.

(21) cf. Barry Cunliffe, *Excavations at Fishbourne 1961-1969*, Leeds, 1971, p. 100-107 (=Cunliffe, *Fishbourne*), p. 100, figs. 36-37.

(22) cf. Sheppard Frère, *Verulamium Excavations*, vol. I, Oxford, 1972 (=Frère, *Verulamium*), p. 114.

(23) cf. Cunliffe, *Fishbourne*, p. 100 (75/80-100 d. C.); cf. Frère, *Verulamium*, p. 114, fig. 29, n.ºs 1 (135-145 d. C.) e n.º 2 (75 d. C.).

(24) cf. Ettlínger, *Fibeln in der Schweiz*, p. 89-92, Est. 8, n.º 6-18; Est. 9, n.º 1-5.

(25) cf. Hawkes e Hull, *Camulodunum*, p. 312-313.

conhecemos dois modelos muito próximos em Hod Hill (26) e na região de Tournus (27), que os autores datam da 1.ª metade do séc. I d. C.

Os restantes exemplares são largamente representados em Vindonissa (28), Alésia (29) e Pommiers (Aisne) (30), entre a 2.ª metade do séc. I a. C. e os inícios do séc. I d. C. Conhecemos em Verulamium um exemplar semelhante aos n.ºs 12-13, que o autor data de 49 d. C. (31). Para o n.º 11, que é a modalidade mais corrente, conhecemos em Portugal três paralelos, um de Vaiamonte (32) e dois de Conimbriga (33); um destes (34) apareceu numa camada pré-flaviana do templo. Os n.ºs 11-12 preservam ainda no pé um botão de recorte muito simples.

O n.º 14 corresponde ao tipo B de Camulodunum (35), ou seja, ao grupo de fíbulas que têm o nome de «Aucissa».

Esta modalidade apresenta um arco semicircular que é decorado longitudinalmente por uma moldura relevada e por uma cartela ou placa junto ao pé; este, torna-se direito e quase sempre é biselado; os botões do pé e do eixo são de feição cónica; o fusilhão é recto.

Para o nosso exemplar conhecemos alguns paralelos em Vindonissa (36), Hod Hill (37), Camulodunum (38), Cambodunum (39) e Conimbriga (40) que permitem situá-lo entre Tibério e o período flaviano.

O n.º 15 não tem paralelo em nenhuma das múltiplas formas conhecidas no período romano. Reconhecemos, porém, alguns traços que reputamos importantes

(26) cf. Brailsford, *Hod Hill I*, p. 7, fig. 7, C 16.

(27) cf. Michel Feugère, *Les Fibules de Tournageois*, «Bulletin de la Société des Amis des Arts et des Sciences de Tournus», 1978 vol. LXXVII, p. 133-198, (=Feugère, *Tournus*), p. 38, Est. 9, 39.

(28) cf. Ettliger, *Fibeln in der Schweiz*, p. 89-92.

(29) cf. Feugère, *Musée Denon*, p. 116, fig 12.

(30) cf. id. *Ibidem.*, p. 116, fig. 11.

(31) cf. Frère, *Verulamium*, p. 116, fig. 30, 18. O autor data-o de 49 d. C.

(32) cf. Ponte, *Vaiamonte*, n.º 75.

(33) cf. Ponte, *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 119, Est. XXVII, 50; cf. Salette da Ponte, *Fibulas pré-romanas e romanas de Conimbriga*, «Conimbriga», Vol. XII, Coimbra, 1973, p. 159-197 (=Ponte *Fibulas de Conimbriga*), p. 182-183, Est. VII, 33.

(34) cf. *Fouilles de Conimbriga VII* p. 119.

(35) cf. Hawkes e Hull, *Camulodunum*, p. 322.

(36) cf. Ettliger, *Fibeln in der Schweiz*, p. 29, 93-94, Est. 9, n.º 6-9. A autora data-os desde 25 a. C. a 50 d. C.

(37) cf. Brailsford, *Hod Hill I*, p. 8-9, C46-C52, data-os de Cláudio-Nero.

(38) cf. Hawkes e Hull, *Camulodunum*, p. 322-323, Est. XCVI, 129-132, 134-138. O autor data-os de Cláudio a Nero (43-49).

(39) cf. Krämer, *Cambodunumforschungen*, Est. 15, 1-5. O autor situa-os no séc. I d. C.

(40) cf. Ponte *Fouilles de Conimbriga VII*, p. 119, Est. XXVII, n.ºs 55-57 e Est. XXVIII, 58. O n.º 56 foi recolhido num nível de destruição do templo augustano; os n.ºs 57-58 num nível de reconstrução das termas trajánicas.

e que nos levam a aproximá-lo dos modelos de tipo Camulodunum X e XII ⁽⁴¹⁾. No primeiro, o perfil da peça é marcadamente em P, com arco curto e semicircular, pé longo e espatulado; no segundo, a mola bilateral é protegida pelo arco. É de referir ainda que ambos os modelos são, em regra, decorados com ranhuras paralelas longitudinais como no nosso n.º 15. Porém, o nosso exemplar constitui uma imitação de um ou mais modelos importados que apresentam, em relação à mola bilateral e fusilhão uma técnica de fabrico mais aperfeiçoada e consistente — cobertura parcial ou total da mola e fusilhão por uma placa que é o prolongamento do arco. Esta nova técnica constituirá o modelo inspirador das «fíbulas em charneira e arco triangular».

Referiremos ainda que em Conimbriga há alguns exemplares ⁽⁴²⁾ que, não sendo paralelos do n.º 15, apresentam, todavia, certos pormenores — perfil em P, mola bilateral e eixo independente — que nos leva a conjecturar da existência de um fabrico de imitação de formas importadas nos inícios do séc. I d. C. ⁽⁴³⁾.

O descanso do n.º 15 fixa-se curiosamente a meio do pé, não por meio de soldadura, mas de um cravo de bronze.

Estamos em crer que o nosso exemplar não deverá ser anterior à 2.ª metade do séc. I d. C., dado que os tipos Camulodunum X e XII se situam desde os finais do séc. I a. C. aos finais do I d. C. ⁽⁴⁴⁾.

Os n.ºs 16-19 são designados habitualmente por fíbulas anulares romanas. Enquadram-se no tipo B1 de Fowler ⁽⁴⁵⁾, que apresenta as extremidades do aro terminados em molduras anelares coroadas ou não de botões cónicos.

Esta modalidade tão corrente no império romano data do séc. I d. C. à 1.ª metade do séc. III d. C. ⁽⁴⁶⁾.

(41) cf. Hawkes e Hull, *Camulodunum*, p. 314-319.

(42) cf. Ponte, *Fíbulas de Conimbriga*, p. 192-193 Est. V, 24 e Est. VI, 26.

(43) id. *ibidem.*, 192-193.

(44) cf. Hawkes e Hull, *Camulodunum*, p. 314-319; cf. Ettliger, *Fibeln in der Schweiz*, p. 29.

(45) cf. E. Fowler, *The origins and developments of the penannular brooch in Europe*, «Proceedings of the Prehistoric Society», XXVI, 1960, p. 149-177 (=Fowler), p. 151, fig. 1.

(46) cf. Ponte, *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 120.

CATÁLOGO

1. Fibula tipo Cuadrado 4b Inv. n.º 421/12. O arco é em forma de naveta invertida; a mola bilateral, de corda interior ao arco consta de 4 voltas; o arco é de secção semicircular. Compr. do arco: 60mm; alt: 32mm; diâm. aro: 62mm.

2. Id. Inv. n.º 385. Idêntico ao anterior mas de maiores proporções. Compr: 76mm; Alt: 40mm.

3. Id. Inv. n.º 383. Fragmento que conserva o arco, pé e descanso. Compr: 61mm; alt: 35mm.

4. Fibula tipo Cuadrado 4c. O arco é em forma de naveta invertida e de secção semicircular; um dos extremos termina num olhal; o outro termina num pé curto, cuja extremidade se enrola e forma uma abertura por onde passava o aro. Compr: 37mm; alt: 27mm.

5. Fibula tipo La Tene I. O arco em forma de naveta invertida termina num dos seus extremos num olhal que se encontra partido; o outro termina num pé curto que ao se dobrar forma um pequeno apêndice caudal. Compr: 38mm; alt: 28mm.

6. Fibula tipo La Tene III (psêudo-La Tene II). Inv. n.º 408. O arco, pé e apêndice caudal são feitos de um só arame; aquele é alongado e de secção circular; o pé ao lateralizar-se forma um descanso de feição triangular; o apêndice caudal está partido e prendia-se ao dorso do arco; da mola resta apenas uma volta. Compr: 61mm; alt: 17mm.

7. Fibula de La Tene III. Inv. n.º 389. Fragmento que conserva o eixo, o fusilhão e mola; o eixo é independente; o fusilhão cria a mola bilateral e a corda exterior ao arco; aquela consta de 4 voltas. Compr. fusilhão: 78mm; larg. mola 21mm.

8. Id. Inv. n.º 390. Falta-lhe parte do fusilhão. O arco, mola e fusilhão são feitos de um só arame. O arco é longo e de secção circular; a mola é bilateral, de corda exterior ao arco e consta de 4 voltas. Compr: 80mm; alt: 40mm.

9. Fibula tipo Nauheim (tipo B de Camulodunum). Inv. n.º 401. O arco, de feição triangular é alteado no ombral e de secção semicircular; a mola é bilateral de corda interior ao arco e consta de 4 voltas; o descanso é univariado, apesar de partido. Compr. 92mm; alt: 30mm.

10. Fibula de tipo «Charneira e arco triangular». Inv. n.º 386. O arco, de feição triangular e alteado no ombral, tem um funcionamento em charneira; o descanso é triangular e inteiriço. Compr: 70mm; alt: 28mm.

11. Id. O arco é largo de feição triangular e laminar; é decorado com nervuras convergentes; o pé longo e ligeiramente inclinado termina num botão; o descanso é de feição triangular. Compr: 67mm; alt: 26mm.

12. Id. Inv. n.º 478. Idêntico ao anterior mas de maiores proporções. Compr: 75mm; alt: 15mm.

13. Id. O arco de feição triangular é mais estreito que o anterior; o pé e descanso são mais curtos. Compr: 41mm; alt: 16mm.

14. Fibula tipo Aucissa (tipo B de Camulodunum). Inv. n.º 388. O arco e secção são semicirculares; a meio corre uma moldura longitudinal relevada; o pé é biselado e termina num botão cónico; o descanso é de feição triangular. Compr: 60mm; alt. 34mm.

15. Fibula em «P». O arco e secção são semicirculares; o pé é longo e espatulado, ambos são decorados por molduras paralelas e longitudinais; o eixo é de ferro e independente; o descanso curto e em forma de meia cana é fixado na parte posterior do pé por meio de um cravo de bronze; a parte superior do arco dobra-se sobre o eixo e prende-se por meio de um pequeno cravo de bronze. Compr: 60mm; alt. arco: 18mm.

16. Fibula tipo Fowler B1. Inv. n.º 395. O arco e secção são semicirculares; os seus extremos terminam em botões cónicos. Diâm. 43 × 41mm.

17. Id. Inv. n.º 396. Idêntico ao anterior. Os seus extremos terminam em molduras anelares contínuas. Diâm. 41 × 40mm.

18. Id. Idêntico ao anterior mas de menores proporções. Diâm: 40 × 37mm.

19. Id. Inv. n.º 402. O arco é oval e de secção losangonal; um dos seus extremos está partido; O outro termina em dois botões separados por duas molduras anelares. Diâm: 30 × 34mm.

Saleta da PONTE
Museu Monográfico de Conímbriga
Condeixa (Portugal)

